

# Tradução, traduzir, tradutora: uma experiência empenhada com a poesia grega antiga

*Giuliana Ragusa*<sup>1</sup>

Resumo: Este artigo trata da experiência desta tradutora em seu engajamento com a poesia grega antiga, notadamente nos gêneros da mélica e da elegia. Nesse sentido, também arrisca fazer algumas reflexões sobre a tradução em geral, e sobre a tradução realizada por mulheres no nosso mundo dos Estudos Helênicos, não pautadas por teorias da tradução, mas decorrentes da experiência, da formação e das preocupações que enformam o trabalho que tenho oferecido como contribuição a leitores, pesquisadores, estudiosos, e que se junta ao de outras tradutoras em nosso país.

Palavras-chave: Tradução. Mulheres. Poesia grega antiga. Elegia. Mélica.

**É** difícil falar do próprio trabalho, mas é essa a tarefa que me cabe neste dossiê de reflexões de mulheres que traduzem obras gregas e latinas em nosso país. Tudo o que aqui vai é fruto de uma perspectiva pessoal, enformada por minha formação no bacharelado em Letras e na pós-graduação em Letras Clássicas na Universidade de São Paulo (USP), pela experiência de estudiosa de poesia grega antiga e de docente, por preocupações concernentes à disponibilidade no mercado de traduções a leitores especializados ou não. Compartilho reflexões sobre como vejo a tradução, sobre referentes que me guiaram, sobre como tem sido minha prática, sobre como percebo minha inserção como tradutora de poesia

---

1 Professora Associada (Livre-Docente) de Língua e Literatura Grega na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (DLCV), da Universidade de São Paulo. É Bacharel em Letras/Português (1999), Mestre (2003) e Doutora (2008) em Letras Clássicas, pela USP, com Pós-Doutorado (08/2012-01/2013) nos EUA (University of Wisconsin-Madison). Foi bolsista Fapesp (IC, 1997-8; Mestrado, 2001-3; Pós-Doc, 2012-3) e Capes (“Bolsa Sanduíche” PDEE, UW, Madison, EUA, 2006-7). Foi zero-dollar visiting scholar na UW em 2015 (Classics Dept.). É Livre-docente (USP) desde 11/2019. É vice-líder do Grupo de Pesquisa CNPq “Estudos sobre jambo, elegia, mélica e música na Antiguidade Clássica”, liderado pela Profa. Paula Corrêa (USP). Foi coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas (11/2021-10/2023).

grega antiga. Falo de uma experiência empenhada, de um interesse contínuo, e da crescente compreensão da importância de mulheres que traduzem e que traduzam as obras da Antiguidade clássica – tantas que ainda por elas esperam.

## Por que traduzo

Safo: eis quem me levou aos poetas gregos e à sua tradução – inextricável dos estudos de suas obras; Safo, cujas canções foram, para mim que as recebi em traduções de Jaa Torrano, Joaquim Brasil Fontes, José Cavalcante de Sousa, objeto de deslumbre por algo tão belo, tão frágil, tão poderoso, que vim a conhecer de fato com Paula Corrêa, no curso de “Lírica grega” em 1998, penúltimo ano da graduação na USP. Parte do encanto naquele momento deveu-se à sua condição de mulher poeta, a seu universo intensamente feminino, espelhado numa deidade profundamente feminina, cuja representação tenho estudado desde 2000, a partir da mélica sáfica e dela para a dos demais poetas do gênero. Faz sentido. Não de modo consciente, o interesse pelo feminino, pela participação feminina no imaginário cultural e pelas suas elaborações do feminino orientava meu olhar na graduação e desde bem antes. Queria muito me dedicar a Cecília Meireles, poeta que trazia de tempos, mas que infelizmente não encontrei nos programas das disciplinas que cursei. Encontrei Safo e um mundo, o grego, pelo qual me encantei cada vez mais, sentindo-me pronta para deitar ali as âncoras de meus anseios acadêmicos e de minhas sensibilidades. Somou-se ao interesse pelo feminino o fascínio pelo tema do desejo e da beleza nas canções da poeta grega arcaica, tanto quanto por sua estilística e pela própria natureza de uma poesia que estava no cerne de uma cultura que Herington (1985, p. 3) bem chamou de *song culture*. A imagem metafórica da poeta que canta – tão presente em Cecília Meireles – ganhava uma concretude irresistível, à qual não pude resistir.

Pois bem. Desde o princípio de meu engajamento com Safo e Afrodite, a tradução fez-se, e o é para todos os poetas gregos antigos, parte integral, necessária, enriquecedora, ao estudo das canções. Uso o termo “engajamento”, porque creio que tenho tido uma participação ativa, consciente, orientada nos seus métodos e propósitos, tanto como estudiosa quanto como tradutora – facetas que, em verdade, estão intimamente conjugadas. Nos esperados trabalhos aprofundados de mestrado e doutorado, que resultaram em livros publicados e reconhecidos – *Fragments de uma deusa* (RAGUSA, 2005) e *Lira, mito e erotismo* (RAGUSA, 2010)<sup>2</sup> –, a tradução é sempre elemento fundamental de análise do *corpus* e de diálogo com os textos aos quais pode dar maior visibilidade e acessibilidade. Nos artigos em periódico, que tenho privilegiado como forma de publicação da produção mais voltada à análise, a tradução continua a ter o mesmo papel, razão pela qual recebe tanta atenção e tantos cuidados quanto a própria análise. Nos livros que tenho publicado de 2011 para cá, ela se posta no primeiro plano, porque o objetivo é divulgar a poesia grega antiga, mas num formato ainda indisponível no mercado brasileiro. Nele, estão agregados às traduções: i) paratextos centrados no gênero poético – primeiro, a mélica, e mais tarde, a elegia – e no(s) poeta(s) traduzido(s), bem como em seus contextos histórico-culturais; ii) notas aos versos das composições, sobretudo para destacar elementos estilísticos, histórico-culturais, míticos e outros; iii) comentário prévio a cada composição. Tudo isso em linguagem simples, mas não simplista, agradável e sucinta. Em outras palavras, a proposta desses livros é oferecer um formato de divulgação qualificada, ao leitor não especializado e ao especializado, da poesia grega arcaica em gêneros (mélica, elegia) dos quais os textos sobreviventes são fragmentários na sua grande maioria, vindos

---

2 O primeiro, com o Prêmio Jabuti (2006) na categoria Teoria/Crítica Literária, em que obtive o 2º lugar, o segundo, com a Menção Honrosa recebida no Prêmio Capes de Teses de 2009. Noto que a categoria é hoje extinta na premiação do Jabuti, e que a obtenção do reconhecimento nela foi inédita para trabalhos em Estudos Clássicos.

de tempos e espaços que labutamos por recompor minimamente, para chegarmos mais perto de poetas cujas vidas, formações, existências em seus lugares, na verdade, nos escapam. A paleta de gêneros deve se abrir a outros no longo prazo, em que flerto com ideias de traduzir quem ainda não o foi por mulheres helenistas de língua portuguesa. Mais não digo, por enquanto.

Quais os estímulos para tal formato? Primeiramente, a sala de aula e a dificuldade de materiais para as disciplinas de “Lírica Grega”, bem como as demandas dos alunos colocados diante de fragmentos de legibilidade fraturada, então com pouquíssima bibliografia em português e voltada para amplo público. Em segundo lugar, o contato com o público para além dos muros da universidade, para o qual se repetiam as mesmas dificuldades, inclusive para quem queria alimentar a curiosidade com leituras posteriores. Em terceiro, o desejo de suprir o que eu mesma queria ter tido para iniciar meus estudos, e só o tive em línguas modernas estrangeiras: antologias feitas com comentários, notas, introduções, tudo com zelo e cuidado, com boa qualidade, para divulgação e para os estudos da poesia grega antiga.

## O que traduzo? As poetas, os poetas, os gêneros

A formação uspiana decerto está por trás do recorte do gênero poético que, apresentado de modo concentrado, faz-se mais nítido ao leitor, e isso seja a partir do poeta traduzido. É o caso da antologia de Safo, intitulada *Hino a Afrodite e outros poemas* (RAGUSA, 2021), cuja primeira edição data de 2011 –, seja a partir do próprio gênero – no caso, da mélica e da elegia, nas antologias a elas dedicadas exclusivamente: para aquela, *Lira grega* (RAGUSA, 2013), cuja 2ª edição está ora em preparação; para esta, *Elegia grega arcaica* (RAGUSA; BRUNHARA, 2021), fruto de parceria com Rafael Brunhara.

A tradução, o estudo, o comentário e o modo como penso os

trabalhos, claro, refletem minha trajetória de leitora e a formação que recebi, na graduação e na pós-graduação. Naquela, pelo Bacharelado em Português (1995-1999), durante o qual fui fazendo as disciplinas do Grego, e pela resoluta confiança de me tornar estudiosa da literatura, ressalta-se a consolidação da análise detida dos textos como base primordial do que quer que com eles venha a fazer, mas sem teorismos, sem tecnicismos, sem apegos inegociáveis a escolas e ideologias, porque tudo isso me pareceu constranger um objeto – a poesia e a prosa literárias – polissêmico por natureza e refratário ao cerceamento que não raro disso resulta. Na pós (2000-2008), pelo mergulho fundo e intenso em Safo, na mélica, em Afrodite e no mundo grego arcaico em suas múltiplas facetas, na perspectiva que se consolidou na graduação e que sempre me pareceu a mais satisfatória: a que parte dos textos para vê-los na sua relação com o mundo em redor, com seus contextos, com as outras obras e gêneros do antes e do depois, bem como contemporâneos, buscando na história, na arqueologia, nos cultos e no mais tudo o que pudesse contribuir para a contemplação de cada fragmento e da deusa que neles analisava.

Refletem também preocupações na atividade docente, porque é indiscutivelmente importante que o discente tenha a possibilidade de conhecer os poetas gregos em sua língua, porém de forma mais integral, de modo a ensinar não só a leitura das composições poéticas, mas um contato contextualizado com elas que lhes são apresentadas em seus universos. E isso não só nos livros aprofundados, complexos, rigorosos e mais específicos que resultam de trabalhos de mestrado e doutorado – e nesse sentido modeléi os meus no estudo *Armas e varões* (1998), de minha orientadora Paula Corrêa –, mas em livros feitos para uma primeira entrada nesses universos. Nesse sentido, o formato que desenhei soma antologias de tradução e edições comentadas e anotadas, que conheci em línguas modernas estrangeiras.

## Safo e as demais poetas mulheres

O empenho na tradução e o interesse continuado por essa atividade fundamentalmente refletem o contínuo e engajado estudo da poesia grega antiga – em especial, da mélica e da elegia arcaicas. E tudo começou com Safo, sem que tivesse me dado conta de que, ao traduzi-la em *Hino a Afrodite e outros poemas*, antologia de todos os fragmentos que tomava como minimamente legíveis em 2011 – fui mais generosa na 2ª edição que assim se ampliou em 2021 –, oferecia ao leitor uma tradução de poeta mulher feita por uma helenista – uma mulher – pela primeira vez. Uma tradução assim de Safo, não pontual, mas mais completa, realizada por tradutora mulher em língua portuguesa, não estava disponível, não existia. Só me apercebi disso graças às observações de Brunhara na *live* de lançamento da 2ª edição, dez anos depois, e ao importante levantamento de Robert de Brose (2021, p. 423-440) sobre Safo na América Latina. Neste, no item dedicado às traduções da poeta, são listadas as feitas no Brasil; em meio a elas, vi-me como única tradutora mulher de suas canções, na referida antologia de 2011. Evidencia-se, pois, a importância da demanda por representatividade feminina e valorização da mulher e de seu trabalho na Academia e fora dela.

Na segunda edição da antologia, que saiu no ano pandêmico de 2021, atentei ainda mais, na longa introdução, à questão do feminino em Safo. Procurei enriquecê-la com um olhar mais generoso com os precários fragmentos – reconsiderarei como legíveis muitos dos que antes tinha excluído – e com comentários mais elaborados às canções. Ao me dedicar renovadamente a Safo, com essas novas preocupações, estava já respondendo ao anseio do dia: de maior representatividade feminina. O mesmo valeria para o esforço de, na 2ª edição da antologia de Safo, dar ainda um pouco mais de espaço às demais poetas mulheres gregas antigas, que não são tão poucas, mas cujas obras quase que de todo se perderam.

Anite, Nóssis, Telesila, Mero, Praxila, Corina, Erina, entre outras, entraram com mais força na introdução que discute Safo, antes tendo sido objeto de artigos (2020a, 2020b) que as comentaram em bloco ou, no caso de Corina – em parceria com orientanda de iniciação científica, Josivânia Silva Sena, apoiada pela Fapesp (2014-2015) –, em separado, e traduziram parte de seus textos.

## A mélica – os poetas do gênero

A preocupação em viabilizar ao leitor uma visão de conjunto da mélica praticada por Safo e outras mulheres que têm me interessado – Telesila, Praxila, Corina –, levou-me ao segundo trabalho de tradução mais longo que empreendi, a já referida *Lira grega* (2013), que se renova agora, na vindoura 2ª edição em que Safo continua a figurar entre os *ennéa lyrikoí*, os “nove líricos”, mas com menos fragmentos, uma vez que tem uma antologia para si, de modo que os outros poetas possam ser ampliados, bem como os comentários e notas. Com as duas antologias, fecha-se o círculo dos poetas mélicos que, na recepção fortemente impactada pelos trabalhos de edição e compilação da Biblioteca de Alexandria a partir de c. 250 a.C., foram percebidos como os maiores da canção para *performance* ao som da lira, em canto solo ou coral – neste caso, com dança. Trata-se da mélica, por *mélos* sobretudo identificada nas eras arcaica e clássica, mas lá, nas mãos dos eruditos, num mundo que não era mais o dela – da “cultura da canção” (HERINGTON, 1985, p. 3), da prevalente oralidade, da poesia de *performance* –, tornava-se texto metrificado, ao qual se deu um nome novo – lírica – que guardava na derivação do instrumento a memória de sua natureza essencialmente performática em sua existência mais concreta, na era arcaica.

Na esteira da tese de doutoramento e de sua publicação em livro

(RAGUSA, 2010)<sup>3</sup>, bem como do pós-doutorado (2012-2013) no exterior<sup>4</sup>, oportunidades em que pude produzir trabalhos em que estudei Afrodite nos demais poetas mélicos, depois de ter analisado sua representação na poeta de Lesbos (RAGUSA, 2005)<sup>5</sup>, preparei a tradução com notas e comentários de seleção de canções de Álcman, Alceu, Íbico, Estesícoro, Anacreonte, Simônides, Baquilídes, Píndaro, aos quais juntei Safo. E a Píndaro tenho dedicado artigos de tradução comentada de odes mais longas em que Afrodite está presente (RAGUSA, 2019, 2020c, 2022). Aliás, os estudos que tenho publicado sobre esses outros poetas – Simônides e Baquilídes tendo recebido mais minha atenção na tese de livre-docência (2019) da qual tenho extraído recortes levados a artigos – quase que invariavelmente concernem à deusa ou ao seu território do erotismo.

Continuo, pois, a ser guiada pelo interesse no feminino, de um modo ou de outro, com consciência mais aguda disso nestes tempos que são não só os da demanda por representatividade feminina e por mulheres na ciência e na Academia, mas também são os de uma trajetória amadurecida de pesquisadora, tradutora, mulher.

## A elegia

O interesse pelos gêneros poéticos da poesia hexamétrica, da mélica, da elegia, da tragédia, do idílio e do epigrama é o que posso apontar como norteador de minha atuação como docente, orientadora, pesquisadora, tradutora. Não realizei ainda trabalhos em todos – estudos e/ou traduções –, mas num deles se consolidou uma parceria produtiva com Rafael Brunhara, na qual celebramos a afinidade de que partilhamos como

---

3 Trabalho publicado com apoio do Auxílio Fapesp. Quanto ao doutorado, a parte realizada no exterior foi financiada pela “Bolsa Sanduíche” da Capes (2006-2007).

4 Apoiado por Bolsa Fapesp (2012-2013).

5 Apoiado por Auxílio Fapesp, e o mestrado, por Bolsa Fapesp (2001-2003). Faço questão desse registro nestas notas, para sublinhar a importância das agências de fomento para o trabalho científico, e para dar-lhes o justo reconhecimento.

helenistas, o afeto como amigos, a sensibilidade como leitores de poesia grega e as preocupações e a postura coincidente de tradutores desse objeto que tanto nos anima. Juntos, no formato das que dediquei a Safo e à mélica, fizemos uma antologia, *Elegia grega arcaica* (RAGUSA; BRUNHARA, 2021b), com comentários e notas que a distinguem da única outra antologia em língua portuguesa para o gênero (COIMBRA; DE FALCO, 1941), e que pela primeira vez traz, em obra de tradução sistemática do *corpus*, uma helenista mulher labutando junto a um colega sensível a essa dimensão.

De novo, a atenção a esse *corpus* de poetas homens, exclusivamente, tem algo da forte presença do feminino em minha trajetória: a representação de Afrodite, pela qual primeiro passei por Mimnermo, Sólon e Anacreonte, estudando-a nesses poetas (RAGUSA, 2008a, 2008b), para depois abarcar os demais elegíacos, na companhia segura do especialista no gênero não só na antologia, mas já em estudos realizados a partir dela (BRUNHARA, 2014; RAGUSA; BRUNHARA, 2017; RAGUSA; BRUNHARA, 2021c). Uma tradutora e um tradutor: a combinação não poderia ser mais feliz, nem mais bem-vinda pelo mútuo reconhecimento e apoio entre a helenista e o helenista!

## Outros gêneros

Não há traduções feitas por helenistas mulheres de todo o *corpus* legível de cada um dos mélicos e elegíacos, salvo por Safo. Talvez surjam nos próximos tempos, e isso seria um ganho importante, para além das contribuições em recolhas e em artigos isolados, como as que tenho oferecido. E não há traduções feitas por helenistas mulheres de numerosos autores de outros gêneros, entre os quais me interessam, sobretudo, Homero, na era arcaica, e Teócrito, na era helenística. Contemplo agora o primeiro – contemplamos os parceiros, que teriam nas mãos uma tarefa e tanto, a coragem nos insuflando e não nos abandonando! E o porquê

de olhar para o primeiro reflete muito a vontade de atender o anseio por ver, entre tantos tradutores do poeta em nossa língua portuguesa, uma mulher. Penso que, mesmo se não *da solo*, mas em parceria, a resposta a tal ansiedade não seria desimportante.

## Como traduzo?

Em artigo em que discuto a tradução da mélica (RAGUSA, 2021d) e o modo como me posiciono diante de desafios reais e, por vezes, impostos aos seus fragmentários textos, começo com as seguintes palavras (RAGUSA, 2021d, p. 215-6):

Estamos num belo momento das traduções da poesia grega antiga no Brasil, para não mencionar a prosa. Muitas e variadas, elas oferecem aos leitores opções que a uns e outros hão de agradecer; elas mostram as diferentes formações e preocupações dos tradutores, seus distintos objetivos e olhares, suas diversas relações com as composições sobre as quais se debruçam. Traduções poéticas, traduções filológicas, transcrições – está tudo à disposição do leitor interessado e do especializado. Esta é a riqueza a ser nutrida, observada, valorizada, estimulada, compreendida, analisada e criticada – mas cada uma das traduções nas suas especificidades. Antes essa riqueza proveitosa a todos do que o estabelecimento de uma forma única a ser seguida por todos – a ser definida como *a* forma. Antes o convívio na pluralidade entre as traduções, os tradutores e seus leitores; antes o transitar pela variedade das traduções e de suas elaborações e soluções.

E adiante observo que por vezes altero uma tradução publicada, embora nunca drasticamente, e que minhas traduções têm, na sala de aula e no trabalho de pesquisa, os seus grandes estímulos (RAGUSA, 2021d, p.

216). Mais: que com ambos, “num misto talvez de *close reading* e filologia, que espero equilibrado, penso os poetas gregos antigos” e por meio das traduções, “que demandam clareza, rigor, flexibilidade, procuro contribuir de algum modo, em alguma medida, para o diálogo contínuo com os clássicos” (RAGUSA, 2021d, p. 216). O resultado é uma “tradução filológica amparada de notas e comentários, com os quais articulo as composições traduzidas ao contexto em que se inserem, exploro referências mítico-cultuais e históricas, realço elementos estilísticos, e assim por diante” (RAGUSA, 2021d, p. 216):

É com esse trabalho que busco, de modo construtivo, somar uma às variadas propostas dos tradutores – que variadas sejam sempre! –, na qual, com o melhor de meus recursos e habilidades, estão refletidas as minhas formação, trajetória, visão da e relação com a poesia grega, sinceridade de propósitos, e paixão de leitora. (RAGUSA, 2021d, p. 216)

Pois bem. Nessa tradução filológica, como digo e deixo entrever no modo com que lido com ela, busco tudo o que já aqui reiterei, citando o artigo, e mais: imprimir-lhes algo da graça, do charme, da sonoridade dos textos gregos que chegaram a nós, esforçando-me pela concisão da linguagem, por fazer passar pelo ouvido as palavras escolhidas, por atentar aos jogos rítmico-sonoros e de palavras, bem como a elementos significativos de sua disposição na composição, pelo respeito à repetição que é da natureza da poesia – tanto mais da poesia da “cultura da canção” (c. 800-400 a.C.).

A escolha por esse caminho foi feita a partir da observação de traduções e comentários disponíveis em outras línguas modernas estrangeiras, nas quais encontrei o que não se achava na bibliografia em nossa língua. E pela preocupação em propiciar uma experiência de leitura satisfatória dos pontos de vista estético e da compreensão do objeto. Creio

que, sim, a tradução filológica pode ser poética, e amiúde o é, e – assim me parece – deixa em primeiro plano o autor traduzido, e por trás dele, discretamente, o tradutor. Por que ressalto isso tudo? Porque me tornei mais consciente de minha própria postura e das questões ora enunciadas ao ler o artigo de Bess Myers, “Women who translate”, publicado no *blog Eidolon*<sup>6</sup>, encerrado em dezembro de 2020, ao final do primeiro ano pandêmico. Nele, a autora persegue a indagação do subtítulo: “O que acontece ao nosso entendimento profundamente pautado pela noção de gênero [masculino, feminino] do ato de traduzir um texto quando quem traduz é uma mulher?”. Para tanto, Myers ressalta traduções recentes feitas por mulheres de obras monumentais: da *Odisseia*, por Emily Wilson (2017); da *Eneida*, por Sarah Ruden (2008); de Caroline Alexander para a *Ilíada* (2016), dos discursos de Tucídides, por Johanna Hanink (2019). E observa:

Metáforas de fidelidade têm há muito sido usadas para descrever o ato da tradução literária e para avaliar a qualidade de uma tradução. Traduções, tem sido dito, ou são belas, ou são fiéis, mas não ambas as coisas, um paradoxo refletido na expressão frase *les belles infidèles*. Tais metáforas moldam a tradução como um sujeito feminino que tem sido a tentação do tradutor tradicionalmente masculino, fazendo com que seja infiel ao texto ‘original’ que busca traduzir. Na sua nota da tradutora, Wilson argumenta que essas metáforas pintam a tradução como ‘secundárias ao original de autoria masculina’, uma implicação que adquire ‘uma borda particular no contexto de uma tradução por uma mulher da *Odisseia*, um poema que está profundamente investido na fidelidade feminina e no domínio masculino.’ Agora que as mulheres estão traduzindo textos clássicos tradicionalmente lidos e traduzidos por homens, essas metáforas de fidelidade não se assentam facilmente. (MYERS, 2019)

---

6 MYERS, Bess. Women who translate. In: *Eidolon – Classics without fragility*. [S. l.], 05 ago. 2019. Disponível em: <https://eidolon.pub/women-who-translate-7966e56b3df2>. Acesso em: 01/06/2023.

Agora, prossegue Myers, o que se cobra e se critica é o envolvimento emocional das mulheres, que arriscaria a resultar em tradução contendo “demasiado de sua (voz) feminina, e não o bastante da imaginada voz masculina do autor”. De fato, posso dizer que há mais de duas décadas, quando me voltei às canções de Safo, ali encontrei o conforto de um mundo feminino elaborado com fascinantes beleza e erotismo, e fui arrebatada pelo prazer estético que proporcionam – e querem proporcionar, construídas que são para tanto – no público. Passar aos demais poetas mélicos, que são homens, foi a segunda etapa ainda guiada por uma figura feminina, Afrodite, e sustentada pelo embasamento que me permitiu abordá-los sem qualquer sentido de inadequação entre as vozes que se põem em diálogo na tradução – a deles e a da tradutora.

Seja na relação com poetas mulheres – Safo e as demais –, seja na relação com poetas homens, todos (elas e eles) que já traduzi e que hei de traduzir ainda, faço-me ouvir com a maior sutileza possível, porque, a meu ver, não é minha voz que deve ser ouvida no primeiro plano, mas a deles, à qual empresto a minha como veículo de chegada aos falantes de minha língua, para contribuir com o esforço de que não seja encoberta pelo silêncio. Deixo minha voz aos paratextos que lhes dedico, e pelos quais procuro oferecer uma leitura culturalmente rica, associada à experiência esteticamente agradável da leitura das canções. Assim me vejo, na faceta de tradutora: como instrumento. Não sou poeta, nem desejo sê-lo; sou estudiosa e sou professora. Não busco o não convencional, não quero (re) criar. Não empenho minhas energias na construção de algo dotado de uma espécie de autonomia diante dos textos, algo reimaginado em minha língua. Mas deixo a voz correr solta nos comentários e notas e no mais, a voz da estudiosa que ampara a da tradutora em suas escolhas e mínimas ousadias filológicas e estéticas, se a tanto chegam. Incluo-me, devo dizer, nos grupos de que fala Wilson, a tradutora da *Odisseia* para a língua inglesa, em artigo no jornal *The Guardian*: “Nem todas as tradutoras mulheres se descrevem

como feministas, e muitas tradutoras classicistas femininas, como quase todos seus correspondentes masculinos, não veem o gênero como um elemento central em seu trabalho”<sup>7</sup>. Contudo, penso cada vez mais, de um lado, em representatividade e na sua importância, e, de outro, em certos condicionamentos ou determinadas práticas de que não necessariamente me dou conta. Myers (2019) aponta para isso nesta observação que faz na esteira de Wilson: “Homens que traduzem recebem permissão para, e são mesmo encorajados a, acrescentar elementos e embelezar suas traduções, porque amiúde suas vozes são tomadas por símeis às do autor clássico (masculino)”. Wilson, que provocou reações contrariadas por ter, mais do que traduzido, dado sua leitura da epopeia homérica, já argumentava:

Os tradutores classicistas masculinos mais altamente elogiados de nosso tempo – como Robert Fagles – escrevem com uma exuberância confiante, com frequência expandindo ou acrescentando ao original. Tradutoras classicistas femininas têm apresentado a tendência de abordar o original mais cautelosamente, com mais cuidadosa disciplina. (WILSON, 2017)

E tanto Wilson quanto Myers discutem as diferenças de como resenhistas homens e mulheres recebem as traduções de tradutores e de tradutoras, pelas quais se revelam expectativas que, ao fim e ao cabo, acabam por rebater o quadro acima. Não se trata, por óbvio, de fronteiras duras e rijas para aquelas diferenças que a síntese de Wilson expõe – e ela mesma as ultrapassa. Mas há algo no que diz que ressoa, que encontra eco, quando penso em meu próprio contato com os tradutores de poesia grega antiga em nossa língua, e em minha própria postura de tradutora.

O zelo, decerto, se faz presente no processo de tradução que

---

7 WILSON, E. Found in translation: how women are making the Classics their own. In: *The Guardian*. Londres, 7 jul. 2017. Books. Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2017/jul/07/women-classics-translation-female-scholars-translators>. Acesso em: 01 jun. 2023.

costumo seguir, e sobre o qual nunca fui indagada, fora da sala de aula – lá, a curiosidade dos alunos é um dos estimulantes mais poderosos, e a falta dela, uma das maiores frustrações. É um processo de labuta – o verbo já usei, o substantivo entra agora em cena: muitas leituras e releituras do texto na língua grega, e consultas às suas edições; análise cerrada dos textos gregos, num destrinchar que monta e remonta cada pedacinho, buscando entender como se encaixam as peças todas no todo que se nos apresentam; muitas consultas a dicionários de grego, de línguas modernas, do português, e a dicionários etimológicos; muitas leituras de comentários de toda ordem aos versos; muitas leituras de traduções, após minha primeira versão; compartilhamento de minhas traduções e retraduições com quem não sabe grego, para ver se estão falando coerentemente a língua de chegada; retorno para limar, polir, enxugar, elaborar, e – importante – cuidar da sonoridade final, algo que depende das muitas leituras em voz alta ao longo do processo, dos textos gregos e de suas traduções, mudando-as de bem pouco a um tanto mais ao longo dos anos, sempre que isso se torna irresistível.

Para mim, tradução é trabalho, e não é sopa! E embora o impacto emocional que os textos provocam participe do processo de escolhas e soluções pelas quais busco refleti-lo no resultado final, a tradução resulta disso que bem nomeia o termo “engajamento” que travo com eles, e que continuarei travando com os que miro à distância, particularmente os que ainda estão por serem tomados por mãos de uma helenista.

## Referências

BROSE, Robert de. Sappho in Latin America. *In*: FINGLASS, Patrick J.; KELLY, Adrian (eds.). *The Cambridge companion to Sappho*. Cambridge: University Press, 2021, p. 423-440.

BRUNHARA, Rafael. *As elegias de Tirteu*: poesia e performance na Esparta

arcaica. São Paulo: Humanitas, 2014.

\_\_\_\_\_. *Uma poética do simpósio: a performance da elegia grega arcaica na Teognideia*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 2017.

COIMBRA, Aluizio de F.; DE FALCO, Vittorio. *Os elegíacos gregos, vol.1: de Calino a Crates*. São Paulo: Imprensa Nacional, 1941.

HERINGTON, John. *Poetry into drama*. Early tragedy and the Greek poetic tradition. Berkeley: University of California Press, 1985.

RAGUSA, Giuliana. *Fragmentos de uma deusa: representação de Afrodite na lírica de Safo*. Campinas: Editora da Unicamp, 2005.

RAGUSA, Giuliana. *Entre imagens de prazer e de amizade: Afrodite na elegia grega arcaica*. *Clássica* 21, p. 52-70, 2008a.

RAGUSA, Giuliana. Sólon e um fragmento de viagem (19 W): um hóspede, um anfitrião e uma deusa em tempo de despedida. *Phaos*, Campinas, v. 8, p. 131-154, 2008b.

RAGUSA, Giuliana. *Lira, mito e erotismo: Afrodite na poesia mélica grega arcaica*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

RAGUSA, Giuliana (org., trad.). *Lira grega: antologia de poesia arcaica*. São Paulo: Hedra, 2013.

RAGUSA, Giuliana. De bodas e jogos: uma análise do proêmio da *Olímpica* 7, de Píndaro. *Ágora*, Belo Horizonte, v. 21, p. 59-82, 2019.

RAGUSA, Giuliana. Nove Musas mortais: as poetas da Grécia antiga. *Revista do Centro de Pesquisa e Formação – SESC*, São Paulo, v. 11, p. 113-136, 2020a.

RAGUSA, Giuliana; DELFITO, Josivânia S. Corina: uma voz feminina da poesia grega antiga e suas canções. *Translatio*, Porto Alegre, v. 18, p. 3-16, 2020b.

RAGUSA, Giuliana. Píndaro, *Pítica 4*: tradução comentada. *Translatio*, Porto Alegre, v. 19, p. 74-92, 2020c.

RAGUSA, Giuliana. (org., trad.). *Safo de Lesbos*. Hino a Afrodite e outros poemas. 2ª ed., revista e ampliada, atualizada, bilíngue. São Paulo: Hedra, 2021a.

RAGUSA, Giuliana; BRUNHARA, Rafael (org., trad., introd., coment., notas). *Elegia grega arcaica*: uma antologia. São Paulo: Ateliê/Mnêma, 2021b.

RAGUSA, Giuliana; BRUNHARA, Rafael. Éros pederástico, elegia grega arcaica: Sólon e Simônides. *Clássica* 34, [S.l.], p. 1-18, 2021c.

RAGUSA, Giuliana. A mélica grega arcaica e sua tradução: desafios, problemas, escolhas. *Translatio*, Porto Alegre, v. 21, p. 215-233, 2021d.

RAGUSA, Giuliana. Píndaro *Olímpica 7*: tradução comentada. *Translatio*, Porto Alegre, v. 23, pp. 1-13, 2022.

*Translation, translating, she-translator: an engaged experience with Ancient Greek poetry*

*Abstract: This article reflects on the experience of this translator in her engagement with ancient Greek poetry, especially in the melic and elegiac genres. By doing so, it aims at risking a few thoughts on translation itself and translation by women in our world of Greek Studies. Such thoughts are not based on theories of translation, but rather on the experience, formation and concerns that shape the work I have been offering as a contribution to readers, researchers, and scholars, and as an addition to those of other women translators in our country.*

*Keywords: Translation. Women. Ancient Greek poetry. Elegy. Melic.*